

OS CONJUNTOS MÚSICAIS E AS BANDAS FILARMÔNICAS DE SÃO JOSÉ DO EGITO



Banda Filarmônica do mestre Caruá em frente da igreja matriz de São José do Egito



Conjunto Os Piratas – Integrantes: Zezé Baterista (Rato), Zé Veado, Cícero Teixeira, Luiz Teixeira, Joacil Menezes a Carlinhos Bernardo



Conjunto musical Vênus 6 – Integrantes: Renato, Carlinhos Bernardo, Joacil Menezes, Haroldo Santos, Valdinho Alexandre, Zezé Baterista (Rato), Inaldo Sampaio.



Conjunto Musical Aquários – Integrantes: Flávio Vieira, Carlinhos Bernardo, Luiz Teixeira, Jorge Ressaca e Raulino Amorim



Conjunto Musical Nova Dimensão – Integrantes: Haroldo Santos, Churrasco Braga, Aluísio Lopes, Edésio e Marcos Vieira.



Conjunto Musical Raízes do Vale – Integrantes: Churrasco Braga, Geomar Moraes, Raulino Amorim, Ailson Sousa, Leocy Leite e Almir dos teclados.



Conjunto Musical Reluz – Integrantes: Sonia, Eloi Oliveira, Ivan e Fabrício Rodrigues.

Quase todas as cidades do interior do Nordeste tiveram conjuntos musicais (baile) e bandas filarmônicas. São José do Egito (PE), no século XX, dos anos de 1969 a 1990 teve essas representações musicais. Nos anos de 1960 foi criada uma banda filarmônica sob a regência do professor-maestro Caruá. O objetivo era formar jovens músicos com enfoque relativo aos instrumentos de sopro e percussivo. A função da banda era fazer alvoradas musicais e tocar nas solenidades públicas e particulares, como casamentos, entre outras.

No suceder dos anos, o professor-maestro Zé Bizunga assumiu a docência e a regência da banda. Alguns jovens que dominavam os instrumentos de sopro, como os irmãos Luiz Teixeira de Deus (Sax) e Cícero Teixeira de Deus (trompete), mais Claudio Negrinho (trompete), se juntaram com Joacil Meneses (cantor), Zé Veadó (contrabaixo), Carlinhos Bernado (Guitarra) e Zezé Baterista (apelidado de Rato) para formarem o conjunto **Os Piratas**, no final de 1969. Vale lembrar que antes de 1975 a banda filarmônica teve seu fim.

Entre 1970 e 1971, o conjunto Os Piratas deixou de existir. Nesse período, Carlinhos Bernado, com os irmãos Luiz Teixeira de Deus, David Teixeira de Deus, Rubinho, Flávio, Dida e Raulino (ambos de Itapetim) criaram o conjunto **Aquários**.

Os outros músicos do conjunto Os Piratas formaram o **Vênus 6**. O músico Zezé baterista (Rato) ficou pouco tempo, pois foi embora morar em Paulo Afonso para tocar do Grupo Fantástico. Claudio Negrinho, também, em pouco tempo deixou São José do Egito e foi para São Paulo.

O conjunto Vênus 6, no início, teve como proprietário Valdinho Alexandre. Depois, numa segunda fase o conjunto ficou pertencendo a seu Oswaldo, da cidade de Tabira (PE). O referido conjunto teve em seu ciclo de existência vários músicos, entre eles: Inaldo Sampaio, Valdinho Alexandre, Carlinhos Bernardo, Joacil Menezes, Roberval Veras, Haroldo Santos, Ivanildo Gomes, Wilson Negrinho, Sales Rocha e Betinho de Vigário (meu irmão).

O conjunto Aquários teve curta duração, pois os irmãos Teixeira de Deus e Carlinhos Bernardo foram morar no Recife com o objetivo de ingressarem nas universidades públicas, entre os anos de 1971 e 1972.

O Vênus 6 teve um período um pouco mais longo (no máximo 1975), pois também, a maioria dos músicos saiu de São José do Egito para estudar nas universidades de Recife e João Pessoa, como foi o caso de Inaldo e Betinho. Joacil Menezes foi embora para Brasília e Roberval Veras para Cuiabá.

Ficaram em São José do Egito Sales Rocha e Haroldo Santos. Com o fim do Vênus 6, Sales foi morar em Arcoverde, onde cursou História, e Haroldo abandonou a guitarra e se especializou como técnico em eletrônica.

Em uma das gestões do Prefeito Paulo Jucá, o maestro Ulisses a convite da prefeitura formou uma banda filarmônica em São José do Egito, a qual durou os 04 anos da referida gestão.

Nos anos de 1980, Raulino, de Itapetim criou o Conjunto **Nova Dimensão**. A formação inicial juntou os músicos Sales e Haroldo (por um certo período) com o cantor Aluísio Lopes, Zé Coqueiro, Marquinhos Vieira (Itapetim) e Churrasquinho, e por um curto período, Marcia Veras e Zá Marinho, como cantoras. Alguns componentes do conjunto, em determinado período deixaram a profissão musical e foram trabalhar em outras áreas. Diante disso, o Nova Dimensão deixou de existir.

Na mesma década dos anos de 1980, Leocy Leite formou o conjunto **Raízes do Vale**, que teve como integrantes: Churrasco Braga, Geomar Moraes, Raulino Amorim, Ailson Sousa, Leocy Leite e Almir dos teclados. O referido conjunto durou apenas a década de 1980.

Na década de 1990, Marcelo Tenório criou o conjunto **Reluz**, tendo como integrantes, Elói, Lucivaldo, Sônia, Ivan e Fabrício Rodrigues. Na mesma década o conjunto se acabou.

Desde os Piratas até o Nova Dimensão as dificuldades eram enormes que envolviam disciplinas de os músicos no quesito ensaiar, falta de bons instrumentos, equipamentos de som de qualidade, salários razoavelmente bons, entre outros problemas, e o próprio foco dos músicos em deixarem São José do Egito e entrarem nas universidades públicas. Então, diante desse pequeno e resumido percurso histórico da música em São José do Egito, relacionado aos conjuntos musicais e as bandas filarmônicas ficou o legado de pessoas que aprenderam a tocar um instrumento musical e a cantar.

Contudo, um dos fatores mais importantes foi cada conjunto em sua época ter abrilhantado os bailes de São José do Egito no Clube Hotel, no Ideal Clube, no Bambuzinho e em outros espaços. As músicas eram composições da MPB e do rock produzido nos anos de 1960 e 1980, a nível de Brasil e exterior.

Na aura dos bailes, grupos de amigos, de amigas, casais de namorados, pessoas já casadas, de todas as idades, em suas mesas, com um litro de rum, quatro cocas, um litro de whisky Passport e outras bebidas, conversavam assuntos relacionados a cidade, a outros lugares, dançavam abraçados, ouviam e assistiam os músicos e cantores nas suas interpretações. Tudo acontecia na maior alegria, envolvendo amizades comuns, a apreciação da boa música, o surgimento de novos namoros e a confraternização das pessoas casadas. Era a celebração da vida coletiva e da troca de afetos.

Devido a massificação musical através das grandes mídias do Nordeste e do Sudeste do Brasil, a configuração dos aspectos sociais envolvendo a música foi mais ou menos se transformando, desde a metade dos anos de 1995 até a contemporaneidade. Primeiro, as festas nos clubes deixaram de existir para acontecerem nos espaços abertos. Segundo, as pessoas começaram a montar super sons nos carros de passeio. Então, a boa MPB aos poucos foi saindo dos programas de tv, das rádios e do convívio social. Isso, porque os empresários capitalistas descobriram que a música de consumo alienado gera muito dinheiro, sem falar dos contratos superfaturados por meio das prefeituras.

A boa música que nos anos das décadas de 1960 e de 1980 era escutada em volume razoavelmente baixo, foi substituída pelo axé music, bandas de forró

eletrônico, pagode, funk e o breganejo, todas tocadas em toda altura nos paredões de sons dos automóveis. Diante disso, a vida social em São José do Egito que era da poesia e da boa música foi substituída pelo lixo musical produzido dentro das nossas próprias fronteiras.

No espaço de a música deixar de ser cultura, conhecimento e educação, para ser puramente entretenimento, o lixo musical tomou conta de São José do Egito e de todas as cidades do interior do Brasil, devido ao que já foi citado e a falta de educação musical a partir dos pais e das escolas. Outro fator, as prefeituras não tem uma agenda cultural para as cidades. Nesse sentido, a população fica a mercê do que toca nas rádios ou se apresenta nas tvs abertas.

O sertão, e mais especificamente São José do Egito, (pela tradição literária), infelizmente, vive no vazio cultural, apenas se resumindo ao convívio social, as brigas e confusões da politicagem, as fofocas e a descontrolada ingestão do álcool etílico. Pouco se sabe da cidade no passado, as pessoas importantes no campo cultural, muitas já morreram, e as que ainda estão vivas, são invisíveis para grande maioria da população.

Então, os conjuntos musicais, as bandas filarmônicas, hoje, são apenas vestígios dos que têm ainda alguns fragmentos memoriais no tesouro da lembrança afetiva, daquelas noites, ouvindo a bela voz de Joacil, as investidas performáticas de Zezé, o “Rato” da bateria, os solos de Haroldo na guitarra e a performance dos demais músicos dos instrumentos de cordas, de sopro e os cantores e cantoras.

Triste de um lugar que vira as costas para sua história, perde a memória e se entrega ao esquecimento, como bem cita o grande filósofo francês Paul Ricoeur.

Gilmar Leite Ferreira

Poeta, Cronista, Ensaísta, membro da União Brasileira de Escritores e Prof. Dr. da Universidade Federal da Paraíba